

31 JUL 1987

O GLOBO

Dívida Externa

PMDB reafirma que só aceita ir ao FMI após refinanciamento dos juros

Foto de Gilberto Alves

BRASÍLIA — O PMDB só discutirá a hipótese de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) depois que o Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, concluir os entendimentos com os bancos credores privados para o refinanciamento de US\$ 7 bilhões de juros que deveriam ser pagos neste ano e no próximo.

Se isso acontecer, estará criado um fato novo, sobre o qual o Partido tomará uma posição. Por enquanto, o que vale para o PMDB é o documento aprovado na Convenção dos dias 18 e 19 de julho, que rejeita o monitoramento do organismo financeiro. Mas há um novo dado na questão, ainda não analisado pelo Partido: o Japão informou que não exige a ida do Brasil ao FMI para contemplá-lo com uma parcela dos US\$ 30 bilhões que pretende emprestar aos países endividados, conforme relato do Secretário do Ministério da Fazenda, Yoshiaki Nakano, que está em Tóquio apresentando o novo plano macroeconômico do Governo Sarney aos japoneses.

Ainda sem contar com este dado, o



Covas, Miguel Reale, Luiz Henrique, Bresser, Cardoso e Ulysses: FMI como prato principal

PMDB diz que só voltará a discutir o assunto em profundidade em setembro, quando Bresser Pereira retomará os contatos com os bancos privados levando uma proposta concreta de renegociação da dívida externa.

Ontem, após sair do almoço com o Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e os líderes do Partido no Congresso, Bresser Pereira comentou:

— O que eles acham, fundamentalmente, é que se nós conseguirmos fazer uma negociação com os bancos sem passar pelo FMI, isso será uma grande vitória para o Brasil. E esta é a posição que eu estou defendendo.

Participaram do almoço, além de Ulysses, os Líderes na Constituinte, Senador Mário Covas, no Senado, Fernando Henrique Cardoso, na Câmara, Luiz Henrique, além do Senador Severo Gomes e do assessor parlamentar do Ministério da Fazenda, ex-Deputado Aírton Soares.

Na quarta-feira, o Ministro falará na Comissão da Dívida Externa do Senado. Porém, antes poderá encontrar-se com o PFL para explicar sua estratégia de renegociação.

— O FMI é uma coisa para depois — explicou ele, ontem, ao sair do almoço com Ulysses Guimarães. Alguns peemedebistas, segundo ele,

acham que o FMI nunca vai mudar. Outros, entretanto, acreditam que isso deve ser discutido depois.

Na avaliação de seus assessores, o encontro de ontem deu ao Ministro da Fazenda o aval que ele precisava para prosseguir sua missão de renegociação. Durante o almoço, onde foi servido carne picadinha com cebola, legumes e arroz, o interesse dos parlamentares presentes desviou-se da mesa para alimentar cinco pontos: a possibilidade de êxito do acordo com os bancos sem o FMI; a hipótese de rejeição dos bancos à essa fórmula; a necessidade de novos recursos para investimento; a taxa de risco, ou **spread**, como é conhecida no mundo das finanças; e a última Convenção do Partido.

Os Senadores Fernando Henrique, Mário Covas e Severo Gomes foram os que mais questionaram os argumentos do Ministro da Fazenda. Bresser Pereira revelou confiança no acordo com os bancos antes do FMI, porque, segundo ele, todos estão muito interessados na volta do Brasil às relações normais de mercado, com a retomada do pagamento dos juros. E descartou a possibilidade de represálias, caso o Brasil não renegocie, em virtude do volume dos créditos do cliente.

Disse que os US\$ 7 bilhões prometidos inicialmente, de fato, se limitarão ao refinanciamento dos juros, sem ingressos de dinheiro novo. Mas o acordo terá o efeito de estimular o empresariado nacional a fazer novos investimentos, além da possibilidade de abertura aos recursos dos organismos internacionais de crédito.